

Quem é responsável pelos sistemas de saúde?

ANTONIO JORGE KROPF

Os problemas do sistema de saúde no Brasil são alvo de preocupação dos diversos setores da sociedade. Na ponta extrema desse debate estão os consumidores, porta-vozes das necessidades de mudanças que naturalmente acreditamos precisam ser realizadas o quanto antes no País.

Acontece que, mesmo diante de características exclusivamente nacionais, essa situação não é um privilégio brasileiro. Cada vez mais percebemos que os modelos considerados ideais já dão sinais de exaustão. E que as perspectivas para os próximos dez anos podem ser alarmantes.

Nos Estados Unidos, estima-se que pelo menos 32 milhões de pessoas não têm acesso a sistemas de saúde, ou seja, 14% da população norte americana. Este contingente, que não está enquadrado nas classes custeadas pelo governo, tende a aumentar.

Além disso, a *Helth Affairs*, uma das mais respeitadas publicações do setor naquele país, admite que "o sistema americano financiado pelo empregador está sob stress pela elevação dos prêmios, diminuição da cobertura e aumento da regulamentação política". Todos estão insatisfeitos, os conflitos são a rotina e o confronto é a tônica atual. A previsão é de que os gastos com saúde nos EUA cheguem a US 2.000 bilhões em 2008, quase o dobro do registrado em 1999. O aumento do custo é, mais uma vez, uma realidade que atinge indistintamente países ricos e pobres. Assim como o envelhecimento progressivo da população.

A evolução da medicina nas últimas décadas é sem dúvida algo que deve ser comemorado, já que seu resultado é o aumento da expectativa e da qualidade de vida. Novas técnicas, tanto terapêuticas quanto de diagnóstico, foram desenvolvidas. A engenharia genética vai revolucionar as formas de tratamento no século XXI.

A questão é como garantir o acesso a tudo isso. Ou seja, como financiar o sistema e fornecer cuidados de saúde a toda população. A ciência vem cumprindo seu papel oferecendo, cada vez, mais alternativas e aos demais setores, cabe um desafio tão grande quanto, que é a viabilidade econômica, técnica e política.

O primeiro passo é sem dúvida a consciência de que as mudanças são necessárias e urgentes. A certeza de que vivemos um momento em que é preciso uma reflexão profunda sobre as responsabilidades de todos os segmentos envolvidos com os sistemas de saúde.

Em declaração recente publicada na revista de agosto do Conselho Federal de Medicina, o dr. Marcos Bosi Ferraz mostrou sua preocupação com o assunto, dizendo que "os participantes do setor saúde devem entender que esse setor possui um saco de dinheiro, com início e fim; e não é elástico, acaba mesmo". Nossa caminhada terá início quando essa for uma conclusão de todos.

Apesar desses prognósticos, a solução pode ser bastante simples. Passa pela mudança da visão e da prática médica. Inclui a viabilização das instituições de saúde, tanto os médicos como hospitais e serviços, numa relação que prestigie e remunere a qualidade, com responsabilidade no uso dos recursos disponíveis. Beneficia financiadores, operadoras, prestadores de serviço e, é claro, consumidores.

O "negócio" médico do futuro será fundamentado na ausência de doenças. Como remunerar a saúde e não a doença é um grande desafio. O foco dos nossos profissionais e sobretudo dos próprios consumidores será outro, voltado para a prevenção e previsão, possível através de técnicas cada vez mais avançadas. Em poucos anos, poderemos, por exemplo, saber no ato do nascimento de uma criança que ela irá desenvolver diabetes. Nove das dez maiores causas de morte atuais poderão ser combatidas através da bio-genética. A cirurgia, como hoje é entendida, quase que desaparecerá, substituída pelas práticas não invasivas, medicamentosas e biomoleculares.

O novo mundo do ciber-espço e de todos os seus recursos disponibilizará as informações de uma forma jamais imaginada, onde a interação no campo virtual, mesmo entre clientes e médicos fluirá de forma extremamente eficiente. Os recursos necessários virão da eficiência, do fim do desperdício, enfim, da conscientização de todos e de suas responsabilidades.

Esse sonho é algo que está bastante próximo. Depende da vontade de todos nós, responsáveis pelos sistemas de saúde. A informação e o conhecimento serão as ferramentas para sua realização. E os agentes da mudança serão certamente os consumidores.

ANTONIO JORGE KROPF é diretor da Amil Assistência Médica.

● GLOBO

28 FEV 2000